

"UMA PONTE DE AFETOS" ENTRE BRASIL E CABO VERDE NA PROSA DA CABO-VERDIANA FÁTIMA BETTENCOURT

Profa. Pós-Doutoranda Érica Antunes Pereira¹ (USP/FAPESP)

Resumo:

O diálogo entre Cabo Verde e Brasil, iniciado no século XVI, vem se intensificando e abrangendo os mais diversos setores, como o cultural, o político e o econômico. Nossa apresentação pretende mapear, do ponto de vista literário, parte dessa parceria, analisando de que forma o Brasil é retratado na prosa da cabo-verdiana Fátima Bettencourt, de quem emprestamos a expressão "uma ponte de afetos", cunhada em um texto de sua autoria justamente a respeito do diálogo literário e cultural estabelecido entre os dois países. Para tanto, usaremos como estratégias de apreensão do fenômeno a intertextualidade e a relação entre literatura e cultura cabo-verdianas com signos de brasilidade que configurem um modelo de independência política e cultural.

Palavras-chave: Literatura Cabo-Verdiana; Brasil; Conto; Crônica; Fátima Bettencourt.

1 Introdução

Sempre dizemos que Cabo Verde é um “Brasilinho”, mas eu queria pedir ao Senhor Ministro da Cultura do Brasil que mudemos de paradigma. O Brasil é que é um grande Cabo Verde.

José Maria Neves, Primeiro Ministro de Cabo Verde

As palavras que compõem a epígrafe com que inicio esta apresentação foram pronunciadas pelo Exmo. Sr. Primeiro Ministro de Cabo Verde, José Maria Neves, no dia 02 de junho de 2010, durante a cerimônia de entrega do Diploma de Patrimônio Histórico Mundial à Ribeira Grande (atual Cidade Velha) – considerada a primeira cidade construída pelos portugueses nos trópicos –, e sinalizam, mais que uma relação diplomática, um vínculo cultural e afetivo entre o seu país, Cabo Verde, e o Brasil, proveniente já de muito longa data.

Erigida no século XV com a finalidade de servir como posto de abastecimento para os navios e para o comércio de escravizados entre a África e a América, a Cidade Velha (situada a aproximadamente doze quilômetros da atual capital cabo-verdiana, Praia, na Ilha de Santiago) foi, simbolicamente, a primeira “ponte sobre o Atlântico”, ligando o que seriam, por alguns séculos, duas colônias portuguesas: Cabo Verde e Brasil. Isto porque, no porto desta “cidade do mais antigo nome”, conforme a expressão de José Luís Tavares¹, passaram navegadores como Vasco da Gama, Cristóvão Colombo e Pedro Álvares Cabral, e também partiram inúmeras pessoas (sobretudo as escravizadas) que formariam a base da população brasileira.

Retomando, nessa senda, a fala do Primeiro Ministro cabo-verdiano, logo percebemos que a vertente em que está ancorado o seu discurso é a histórica, daí a reivindicação da mudança de perspectiva ou de paradigma.

Mas quais seriam as razões para que a afirmação de que “Cabo Verde é um ‘Brasilinho’” soe

¹ Referência à obra **Cidade do mais antigo nome**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.

tão corriqueira entre os cabo-verdianos?

Provavelmente várias sejam as respostas e algumas possuam, inclusive, um cariz histórico, como é o caso da chamada Confederação Brasílica², cujo objetivo era a anexação de Cabo Verde (e, eventualmente, de Angola e Moçambique) ao Brasil por ocasião da independência deste, em 1822, fato que o tornava uma espécie de “irmão mais velho” que se tinha revoltado contra o jugo colonial.

Desde essa época até a contemporaneidade, o diálogo entre Cabo Verde e Brasil vem se intensificando dia após dia e abrangendo os mais diversos setores, como o cultural, o político, o econômico, o comercial e o turístico. À guisa de exemplo, na área educacional, podemos citar os programas de intercâmbio para formação universitária (o já referido Primeiro Ministro de Cabo Verde, inclusive, graduou-se no Brasil, em Administração Pública pela Fundação Getúlio Vargas, na década de 1980), como os três convênios firmados em 2009/2010 pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) com a Universidade de Cabo Verde (UNICV), a Universidade de Santiago (US) e a Universidade Jean Piaget (UNIPIAGET), todas cabo-verdianas, sob a coordenação da Professora Doutora Simone Caputo Gomes³.

Ressalte-se, assim, que não se trata de “influência” de um país sobre outro, mas sim de uma “relação de parceria” e/ou de “diálogo” entre Cabo Verde e Brasil, de tal forma que a ideia de reciprocidade deve ser tomada como ponto de apoio e equilíbrio na reflexão da epígrafe. Em outras palavras, o processo de identificação se apresenta tão sólido entre Cabo Verde e Brasil que até é possível afirmar, com a licença do ex-embaixador do Brasil em Cabo Verde Vitor Gobato, que “se Cabo Verde é um Brasilinho, o Brasil também é um Cabo Verdão”.

Nesta apresentação, privilegiarei a interlocução literária com vistas a mapear, na obra da cabo-verdiana Fátima Bettencourt, as imagens do Brasil mais recorrentes, sejam elas voltadas para a literatura propriamente dita ou para aspectos culturais dos brasileiros.

2 A prosa de Fátima Bettencourt: uma “ponte de afetos” com o Brasil

Nascida na ilha de Santo Antão, em Cabo Verde, Fátima Bettencourt (Hirondina de Fátima Bettencourt Santos Lima), além de participar de diversas antologias e periódicos, tem cinco obras publicadas: *Semear em pó (contos)* (1994), *Um certo olhar... (crônicas)* (2001), *Mar, caminho adubado de esperança (contos)* (2006), *A cruz de Rufino* (2006) e *Lugar de suor, pão e alegria (crônicas)* (2008). Todas estas obras (exceto *A cruz de Rufino*, que é dedicada às crianças) fazem referência ao Brasil de alguma forma, quer invocando o país, quer a sua gente, a literatura, a música, a fala, o esporte, as novelas, as personalidades políticas e artísticas, os espaços, entre outros aspectos.

Só para termos uma visão geral da presença do Brasil nas obras de Fátima Bettencourt, observemos o seguinte quadro:

Obra	Nº de textos da obra	Nº de textos que mencionam o Brasil
<i>Semear em pó</i>	12	01
<i>Um certo olhar...</i>	149	24
<i>Mar, caminho adubado de esperança</i>	10	02

² A respeito, ver BARCELLOS, 2003.

³ Tive a grata satisfação de presenciar as solenidades das assinaturas dos referidos convênios durante a realização de uma viagem de pesquisa a Cabo Verde, em dezembro de 2009.

<i>Lugar de suor, pão e alegria</i>	127	35
TOTAL:	298	62

Em dados percentuais, o número de textos que fazem referência ao Brasil equivale a 20,8% de todos os textos da autora, o que, sem dúvida alguma, é um dado bastante expressivo e indiciador da comprovação da presença do imaginário brasileiro na literatura cabo-verdiana. A respeito, Fátima Bettencourt, na crônica “Calçada”, desde o título apontando para o Brasil, neste caso, mais especificamente para as calçadas de Copacabana, no Rio de Janeiro, escreve:

O imaginário brasileiro vem invadindo as nossas vidas com ímpeto inusitado. Já não se trata daquela afinidade de tonalidades mestiças, de ritmos musicais, da fala, da cozinha, do violão, que levou B. Leza a dizer que Cabo Verde é ‘um pedacinho do Brasil’. Não é tão pouco as semelhanças que detectamos no universo de Jorge Amado nem o Carnaval mindelense que cada vez mais se identifica com o do Rio. É muito mais que isso. Desde que as novelas invadiram o nosso cotidiano que todos estamos adotando com alguma naturalidade o jeito brasileiro de falar, de vestir, de receber os amigos e até de gerir os conflitos do dia a dia. Mais um dado importante veio juntar-se a todo esse leque de circunstâncias acentuando as afinidades naturais e essa coisa indefinida e terna que nos liga aos brasileiros. Acontece que nossos filhos estudam lá e a convivência necessariamente aberta e se entrelaça mais e mais. (BETTENCOURT, 2001, p. 219-221).

Ao longo das crônicas e contos de Fátima Bettencourt, também são mencionadas diversas obras da literatura brasileira, sendo exemplos *Casa grande & senzala* (Gilberto Freyre), *Morte e vida severina* (João Cabral de Melo Neto), *Deixa o Alfredo falar!* (Fernando Sabino), *Navegação de cabotagem* e *Os pastores da noite* (Jorge Amado), *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos* (Rubem Fonseca), *Os cem melhores contos brasileiros* (org. Ítalo Moriconi), *O povo brasileiro* (Darcy Ribeiro), além de estudos, biografias e periódicos, casos, respectivamente, *d’A poesia de Daniel Filipe: uma recuperação de raiz* (Simone Caputo Gomes), *de Lula, o metalúrgico* (Mário Morel) e da revista *Raça*.

Os títulos dessas obras foram integralmente citados pela autora, que também menciona um grande elenco de escritores, poetas, poemas e textos, entre os quais se destacam: Simone Caputo Gomes, Vinicius de Moraes e seu poema “O anjo de pernas tortas” (dedicado a Garrincha), Fernando Sabino e sua crônica “Deixa o Alfredo falar!”, Jorge Amado, Darcy Ribeiro, Elisa Lucinda e seus poemas “O poema do semelhante” e “Mulata exportação”, Gilberto Freyre, Alberto da Costa e Silva, Paulo Coelho, Rubem Fonseca, Maria Lúcia Lepecki, Carlos Eduardo Novaes e sua crônica “A verdade sobre o automóvel”, Marilene Pereira, Édison Carneiro, Rubem Braga, Sérgio Porto, Carlos Drummond de Andrade e o poema “No meio do caminho”, Lygia Fagundes Telles, Cecília Meireles e o “Romance LIII ou Das palavras aéreas” contido em *Romanceiro da Inconfidência*, entre tantos outros.

De todos os nomes referidos, o de Jorge Amado circula com maior frequência e tal como a própria Fátima Bettencourt admite em entrevista a nós concedida na cidade da Praia, no dia 07 de julho de 2011⁴, aquele é dos escritores brasileiros que mais lhe marcaram desde a adolescência⁵, dele abstraindo expressões como, por exemplo, “supimpa” (em “Aniversário”, 2001, p. 368). De Jorge Amado, ainda, a autora afirma possuir grande parte das obras, como podemos ler na crônica “A menina que sobeja”:

⁴ Esta entrevista, que foi concedida a mim e a Simone Caputo Gomes, está em fase de gravação e, posteriormente, será publicada.

⁵ Na crônica “Memórias” (2008, p. 101), Fátima Bettencourt escreve: “Devorei há tempos meia *Navegação de Cabotagem* de Jorge Amado, por mim amado desde a adolescência”.

A última Feira do Livro deu-me oportunidades raras que vou degustando aos poucos: consegui refazer, em parte, a minha colecção de Jorge Amado que alguns distraídos mantêm indevidamente nas suas prateleiras [...].(BETTENCOURT, 2008, p. 239).

Outro grande ponto de contato entre as crônicas e contos de Fátima Bettencourt e o Brasil é a novela televisionada, que vem sendo transmitida em Cabo Verde já há anos, e da qual a autora se mostra espectadora fiel ao citar, por exemplo, *Rainha da sucata*, *Tenda dos milagres*, *Kananga do Japão*, *Felicidade*, *Pedra sobre pedra*, *Chica da Silva* e *Suave veneno*. Tocante a esse gosto pelas novelas brasileiras, podemos também lembrar que, na capital cabo-verdiana, Praia, há um mercado livre chamado Sucupira, onde são comercializados os mais diversos produtos, como alimentos, vestimentas e artesanatos, e que tem seu nome abstraído da fictícia cidade em que se ambientava a novela *O bem amado*, de Dias Gomes.

Entre as celebridades televisivas (e não somente), destacam-se, nas obras de Fátima Bettencourt, nomes como José Mayer, Maurício Mattar, Maria Ceíça, Zezé Mota, Elisa Lucinda, Nelson Xavier, Elis Regina, Via Negromonte, Ayrton Senna, Jô Soares, Irene Ravache, Adriane Galisteu, Luciana Jimenez, além do traficante Fernandinho Beira-Mar e dos ex-presidentes Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva, por quem parece nutrir um especial apreço, tornando-o personagem central na crônica “Presidente e metalúrgico” (2008, p. 331-334).

A autora, em seus contos e crônicas, também faz frequentes referências à música brasileira (cita, por exemplo, “Samba de uma nota só”, de Tom Jobim e Newton Mendonça, na crônica “Meio percurso”, 2008, p. 75-76), ao futebol, à forma de falar dos brasileiros, ao cinema produzido no Brasil (menciona, inclusive, o festival de Gramado), à religiosidade (cita Iemanjá e Exu), à História (o Grito do Ipiranga é mote para a crônica “O grito”, 2008, p. 313-314) e aos ditados populares.

Quanto às localidades, Fátima Bettencourt invoca, além do Brasil enquanto país, algumas cidades específicas, como o Rio de Janeiro e seu Calçadão de Copacabana, São Paulo e seu interior, Gramado, Curitiba e Fortaleza e seu Mercado Central. Entre todas as citadas, o Rio de Janeiro parece ser a cidade que mais encanta a autora, já que é invocada em cinco crônicas e pode ser tomada como personagem central em três delas: “Calçadão” (2001, p. 219-221), “Viajar” (2001, p. 393-395) e “Cidade Maravilhosa” (2008, p. 375-376).

Esta última, “Cidade Maravilhosa”, escrita em novembro de 2002 e dedicada à Simone Caputo Gomes, apresenta várias imagens do Brasil e dos brasileiros, de modo que peço licença para transcrevê-la na íntegra:

Quem passe, como eu, apenas uns escassos seis dias no Rio de Janeiro, chega a algumas conclusões, das quais a mais evidente e mais óbvia é a seguinte: na terra do samba levantar o bumbum é um desígnio nacional. Para o carioca em especial e para os canais de Televisão em geral, não tenho dúvidas que é.

A publicidade, em todas as suas formas, inunda a mídia, perseguindo o objectivo de levantar o bumbum: outdoors, spots, panfletos, páginas de jornais e, sobretudo, revistas especializadas, exclusivamente dedicadas ao corpo e à boa forma física bombardeiam-nos sem cessar e não nos dão sossego, enquanto não nos empurram para um SPA, um centro de fitness, um bisturi de cirurgião plástico ou, em última análise, o Calçadão que lá está, na fímbria do mar, para todo o cristão que não pode com as opções mais caras e mais sofisticadas, não necessariamente as melhores.

Os riscos dessas plásticas e implantações são tantos, as hipóteses de se passar de beleza a monstro de Frankenstein ultrapassam de longe o domínio do humor de Jô Soares.

Irene Ravache, actriz que vimos na novela *Suave Veneno*, contava numa entrevista que a sua vontade de fazer uma plástica é sempre suplantada pelo medo, desde o dia em que indo visitar uma amiga recém-saída duma dessas operações, deu com ela com os mamilos logo abaixo do queixo e os olhos tão separados que tinha dificuldade em ver.

Eu própria me surpreendi com duas jornalistas que vi na Televisão brasileira em

1996 com programas interessantíssimos, elas, duas comunicadoras natas. Volto passados 6 anos e ambas fizeram plásticas que lhes devolveram peles lisas e brilhantes, mas a expressão, cadê. O que fazia delas criaturas humanas e sensíveis, parece que sumiu, deixando no seu lugar apenas máscaras de cera o que, certamente, se reflecte nas audiências e, conseqüentemente, nos bolsos das ditas apresentadoras.

Vi também e em ligação directa com o que acabo de dizer, uma lista dos mais bem pagos da TV brasileira, na qual não constam as tais do rosto esticado. Em vez delas, quem está nos lugares cimeiros são a Adriane Galisteu, hoje colhendo chorudos lucros de ter sido a última noiva de Ayrton Senna e Luciana Jimenez que teve a pontaria de fazer um filho numa ressaca brabíssima de Mike Jagger, ambas fraquinhas, quase debilóides, mas exibindo corpos jovens e esculturais e, é claro, bumbuns empinados. Entre mortos e feridos salva-se o Jô Soares que não permite publicidade no seu programa, não exhibe pernas esguias e muito menos bumbum empinado. Dispõe, sim, de uma fonte inesgotável de humor inteligente beirando o génio, uma cultura vastíssima e uma ternura imensa. O seu único problema é ser escutado no meio da cacofonia dos canais que se alimentam de desgraças, violência e perseguições policiais ao vivo, o que em boa verdade, não ajuda a luta anticrime, pelo contrário o publicita e transforma em epopeia cujos heróis são os bandidos, tanto que já se assiste ao nascimento de uma classe nova, a daqueles que estão banindo a televisão das suas casas.

O direito de informar é levado às últimas conseqüências, porém com a condição de se cingir aos podres da vida, à violência, ao tráfico, ao assassinato, ao sequestro e por aí fora. As suas estrelas de primeira grandeza são os mafiosos que dominam as favelas, a rigor de bala e terror generalizado. O mais carismático dos bandidos, Fernandinho Beira-Mar tem, hoje, cartaz na imprensa internacional, onde é conhecido por ‘Fernand au Bord de la Mer’. Montou na própria prisão o seu quartel general e de lá comanda tudo, fecha comércio, decreta recolher obrigatório, ataca o Palácio da Guanabara, o escambau. Cada vez mais ousados, melhor armados que a própria polícia, donos de um exército poderoso, não causará espanto nenhum se os bandidos dos principais centros urbanos instalarem, de uma hora para outra, a guerrilha urbana no País.

Eu guardava do Rio a melhor das lembranças de uma estadia anterior, aliás quem não guarda, se é a cidade mais linda do mundo e parece ter sido feita com o próprio dedo do Criador em dia de pachorra.

Agora, porém, tive medo, nenhum sítio oferecia segurança, até os naturais me aconselhavam a permancer quieta no hotel. Que jeito então, senão ver a cidade de longe, passeando num carro de vidros fechados ou do alto de um mirante apreciar o verde, o mar, a serra, Cristo do Corcovado, a Pedra da Gávea, museus, igrejas, shoppings... é mais seguro, se bem que fica uma baita de uma frustração. E quanto desperdício de beleza! Que coisa mais linda Copacabana iluminada! Arre! Que devia ser proibido por decreto perturbar tanta beleza! (BETTENCOURT, 2008, p. 375-376).

Para encerrar, retomo o texto ainda inédito “Brasil e Cabo Verde – uma ponte de afetos”, de Fátima Bettencourt, que recebi das mãos da autora quando, durante uma conversa na cidade da Praia, em setembro de 2010, disse-lhe de minha intenção de realizar uma pesquisa em nível de pós-doutorado sobre as relações entre os dois países pela via da literatura:

O Brasil é considerado pelo cabo-verdiano como um irmão, tão parecidos nas raízes comuns, a cultura, o ritmo, a cor, a música, a culinária, o jeito de estar, a alegria, a espontaneidade, o pique. Os trovadores cabo-verdianos até dizem que Cabo Verde é um pedacinho do Brasil. [...]

Não é possível falar da fase atual da cooperação entre os dois países e povos sem aprofundar esse lastro fraterno de trocas afetivas e culturais e ainda de sangue que desde sempre liga e irmana os dois povos. É aí que entra o cidadão comum, o

homem e a mulher anônimos que consegue essa coisa mágica que é a fusão de povos e culturas que comungam profundos laços e têm a felicidade de poder expressá-los através duma língua comum. E disso não tenhamos quaisquer dúvidas, os tratados e acordos serão letra morta se o cidadão comum não colocar neles o seu calor, a sua música, a sua arte, a sua literatura, os seus sabores e temperos, as suas danças e ritmos, as suas crenças e tradições, o seu jeito peculiar de ser e estar no mundo.

[...]

As afinidades literárias também têm um peso considerável no percurso literário das elites ilhenhas. Escritores como Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, João Cabral de Melo Neto, Lygia Fagundes Telles, Vinícius de Moraes, Drummond e outros são comuns nas estantes dos intelectuais cabo-verdianos ao lado dos nativos Jorge Barbosa, Baltasar Lopes da Silva, Manuel Lopes que se organizaram nos finais dos anos 30 e lançaram um movimento literário e uma revista intitulada *Clareza* que se veio a revelar uma força aglutinadora imensa e cujos ecos soam até hoje.

Com a profusão de estudantes cabo-verdianos nas universidades brasileiras; com os programas de cooperação em ritmo crescente; com as duas culturas se entrecruzando e se intensificando, a ligação que foi de sangue nos idos de quinhentos volta a sê-lo agora numa fusão que tem tudo para dar certo estendendo **sólidas pontes de afeto** entre os dois povos cada vez mais fortes, cada dia mais harmoniosas. [destaque meu].

Palavras de Fátima Bettencourt. Amém!

Referências Bibliográficas

- 1]BARCELLOS, Christiano José de Sena. *Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné*. Vol. II, parte III. 2. edição. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2003.
- 2]BETTENCOURT, Fátima. “Brasil e Cabo Verde: uma ponte de afetos” (texto inédito cedido pela autora).
- 3]BETTENCOURT, Fátima. *Semear em pó: contos*. Praia: ICL, 1994.
- 4]BETTENCOURT, Fátima. *Um certo olhar... crônicas*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2001.
- 5]BETTENCOURT, Fátima. *Mar – caminho adubado de esperança (contos)*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2006.
- 6]BETTENCOURT, Fátima. *Lugar de suor, pão e alegria (crônicas)*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008.
- 7]TAVARES, José Luís. *Cidade do mais antigo nome*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.

iAutora

Érica ANTUNES PEREIRA, Profa. Pós-Doutoranda)

Universidade de São Paulo (USP), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

E-mail: erica.antunes@gmail.com